

APÊNDICE A

DE TEMPO EM TEMPO: RETRO-META¹- REFLEXÕES SOBRE TEMPO(S)

JENNIFER GIDLEY

Publicado em *Integral Review*, 5, 2007

Tradução de Ari Raynsford (www.ariraynsford.com.br)

Revisão de Darcy Brega e Giovanni Barontini

A1. Introdução

Para a era perspectiva, o tempo não significava nada além de um sistema de medição ou de relações entre dois momentos. . . . O tempo, porém, é um fenômeno muito mais complexo do que a mera instrumentalidade ou acidência do tempo cronológico. (Gebser, 1985/1949, p. 285)

Meu conhecimento da complexidade dos discursos sobre o tempo – cultural, científico, filosófico, feminista, histórico, teológico – me intimida. No entanto, inspirada pela criticidade do nosso atual momento planetário *no tempo*, sinto-me impelida a desenvolver um *template*² temporal experimental para minha evolução da pesquisa da consciência.

1. O conceito de *retro-meta* foi cunhado por Edgar Morin para expressar a recursividade complexa que "sustenta os processos vivos em todos os níveis" e é inerente a uma compreensão plena do prefixo RE. "O processo de RE unifica e mistura complexamente o passado e o futuro para gerar o pulso criativo da evolução" (Morin, 2005a, p. 254).

2. Meu uso de *template* refere-se, pelo menos, às suas raízes etimológicas do latim *templum*: "pedaço de chão consagrado para receber profecias, construção para adoração" e do francês *templet*: "moldura de tecelagem", este último relativo à minha tapeçaria planetária. <http://www.etymonline.com/index.php?search=template&searchmode=none>

O imperativo de contextualizar a noção *padrão* de tempo é duplo. Em primeiro lugar, a falta de contextualização pode levar a que meu trabalho seja mal interpretado, como sendo "apenas mais uma narrativa modernista, linear e (talvez tacitamente) eurocêntrica" – embora camuflada como integral. Em segundo lugar, a natureza macro-histórica da minha narrativa exige uma consideração cuidadosa do tempo a partir de múltiplas perspectivas. Por visão padrão de tempo, refiro-me ao modelo de tempo linear trifásico de passado, presente e futuro, que está subjacente aos modelos modernistas de *desenvolvimento*, *evolução* e *progresso*. Esses modelos são invariavelmente carregados de valores, de modo que o passado é problematizado como primitivo, enquanto o progresso, o desenvolvimento e a evolução são elogiados como caminhos unilineares para a civilização. Embora essas grandes narrativas modernistas tenham estado sob cerco durante décadas, a compreensão teórica dessa noção de tempo, tida como óbvia, é relativamente subdesenvolvida.

Ao longo dos últimos dois milênios, a concepção linear do tempo – que começou como a *medição* mais formal dos já reconhecidos ciclos temporais cósmicos e naturais – tornou-se racionalmente conceituada como a medida cronológica de mudança. O desenvolvimento inicial dos relógios incluía características astronômicas/astrológicas, indicando noções de tempo que ainda estavam ligadas aos ciclos cósmicos – lindamente exemplificados pelo relógio astrológico na torre da Câmara Municipal de Praga, construído no início do século XV. Desde a Revolução Industrial, o tempo linear e cronológico contraiu-se ainda mais por associação com o tempo *mecânico* e o tempo de *fábrica*. Desenvolvimentos científicos e tecnológicos no último século viram a partição temporal tornar-se hiperexagerada por meios científicos e digitais cada vez mais sofisticados, de um extremo da meia-vida radioativa ao outro extremo de nanossegundos.

O tempo linear também foi dominado por características político-econômicas, exemplificadas por expressões como "tempo é dinheiro", "ganhar tempo". Essa colonização mecanicista e econômica do tempo aumentou exponencialmente nas últimas décadas, contribuindo para o *vício da velocidade* da nossa atual era – demonstrado pelo *fast food*, internet, mensagens instantâneas globais de texto, aprendizagem acelerada e cultura dos três-passos-rápidos-para-a-iluminação espiritual. Para enfrentar a situação, existem drogas para acelerar, como anfetaminas e cocaína; e drogas para desacelerar, como álcool e

tranquilizantes. Contudo, paralelamente ao frenesi acelerador e ao pânico temporal³ do século XX, têm surgido noções alternativas.

No início do século XX, ocorreram desenvolvimentos teóricos significativos relativos à noção de tempo tanto nas ciências naturais como nas ciências sociais. Na física, a teoria da relatividade de Einstein substituiu a concepção newtoniana do tempo *objetivo* como um "lugar" imutável e permanente, sobre o qual o movimento ou mudança das coisas pode ser medido em fragmentos discretos e idênticos (Einstein, 2000/1920; Weik, 2004). Sincronicamente, a nova fenomenologia filosófica de Husserl postulou um tempo *subjetivo* – o tempo da alma – em contraste com o tempo externo ou objetivo (Husserl, 1964/1905). Numerosas tentativas teóricas têm sido feitas para se chegar a um acordo sobre essas novas perspectivas sobre o tempo. Desenvolvimentos filosóficos incluem a noção fenomenológica de tempo *existencial* de Heidegger (Heidegger, 1962/1927); a visão de processo do tempo de Whitehead (Griffin, 1986a, 1986b; Weik, 2004; Whitehead, 1985/1929); e a noção paradoxal de *durée* de Bergson – o fluxo da vida consciente – que inclui uma multiplicidade radical do Tempo (Bergson, 1965/1922; Deleuze, 2006/1966). Contribuições significativas – embora menos conhecidas – também foram dadas por Steiner e Gebser e serão explicadas neste apêndice. Tentativas mais recentes foram feitas para conciliar alguns desses pontos de vista, por exemplo, a noção de história de Schatzki e a *poética da narrativa* de Ricoeur (Ricoeur, 1988/1985; Schatzki, 2005).

Além disso, tem havido uma tendência recente para diversidade nas conceituações de tempo (Geissler, 2002). Noções de tempo cíclico estão sendo recuperadas de perspectivas não-ocidentais (Eliade, 1989/1954; Inayatullah, 1999) e feministas (Forman & Sowton, 1989; Kristeva, 1986; Lecardi, 1996; Milojevic, 2005b). Inicialmente, essas duas principais perspectivas temporais – linear e cíclica – foram colocadas em oposição uma à outra. No entanto, cada vez mais, estão surgindo novos discursos que proporcionam uma perspectiva mais complexa e matizada. Eles incluem:

- Conceitos filosóficos pós-modernos como repetição e diferença (Deleuze & Conley, 1992), recursividade complexa (Morin, 2005a);
- Conceitos complexos de tempo na arqueologia⁴ (Klejn, 2005);

3. Gebser (1985/1949) referia-se à "ansiedade temporal" e ao "vício temporal" como sintomas do modo de consciência racional deficiente (p. 22).

4. O arqueólogo russo L. S. Klejn (2005) identificou recentemente "doze conceitos de tempo. . . São eles: o presentismo primordial, a noção de tempo cíclico, a percepção genealógica e rotulada de tempo (tempo marcado), o conceito linear (tempo medido), o tempo dinâmico (a

- O surgimento dos estudos de futuros como campo acadêmico, introduzindo novos conceitos de passado, presente e futuro, por exemplo o presente de 200 anos e o longo agora (Boulding, 1990; Slaughter, 1996; Slaughter & Inayatullah, 2000); macro-história (Galtung & Inayatullah, 1998); conceitos de tempo futuro de longo prazo e não ocidentais (Inayatullah, 2000; Inayatullah & Boxwell, 2003);

- Noções de espirais de desenvolvimento de visões de mundo e valores que refletem noções cíclicas e progressivas (Beck & Cowan, 1996; Cowan & Todorovic, 2005; Inayatullah, 1999; Inayatullah, 2004; Wilber, 1996c);

- Desenvolvimentos contemporâneos nas "artes do tempo – música e cinema" (Benedikter, 2005);

- Múltiplas dimensões do tempo (Starr & Torbert, 2005);

- Noções espirituais do Tempo Eterno e do Agora (Tolle, 2004);

- O movimento emergente do tempo *lento*, por exemplo, o movimento *slow food* (Parkins, 2004); o movimento de educação lenta (McGill, 2005).

Embora exista agora, inquestionavelmente, um corpo substancial e crescente de literatura sobre as diversas noções de tempo, há falta de coerência teórica. Este apêndice é principalmente uma explicação das perspectivas de tempo (*tempórica*) de Steiner, Gebser e Wilber, que enquadram muitas das noções acima mencionadas num contexto macro-histórico e evolucionário. É um trabalho em andamento, proporcionando profundidade adicional ao artigo principal e indicando possibilidades teóricas para pesquisas futuras.

A2. Tempórica de Gebser em Relação à Evolução da Consciência

Tempórica é uma expressão de . . . empenho para trazer à consciência a abundância e a liberdade ocultas "por trás" do conceito de tempo, uma vez que se relaciona com todas as estruturas e todas as áreas da nossa realidade completa. (Gebser, 1985/1949, p. 359)

noção de fluxo do tempo), o conceito de tempo geral, o tempo vetorial, a aceleração do tempo, o conceito relativista, o tempo estático e a aniquilação do tempo" (Resumo). Seu artigo discute como eles manifestam várias épocas arqueológicas e como são expostos na arqueologia. O artigo completo está disponível apenas em russo, mas consegui acessar um resumo em inglês. É evidente que esse trabalho poderia contribuir significativamente para essa discussão.

As diversas noções de tempo e sua relação com as estruturas de consciência constituem um tema importante na obra seminal de Gebser – *The Ever-Present Origin*.⁵ Devido a seu foco profundo no significado dessa relação, estou usando sua tempórica para prover a estrutura conceitual abrangente para minha análise das noções de tempo de Steiner e Wilber. Essa análise deverá ajudar a desvelar quaisquer suposições tácitas sobre o tempo nas narrativas entrelaçadas que compõem o corpo principal deste artigo, aumentando assim sua transparência. A seguir, ilustrarei essa relação basicamente com breves citações do próprio texto de Gebser para reter o sabor matizado de suas conceituações.

Pré-temporalidade Arcaica

Gebser fala muito pouco sobre essa estrutura de consciência inicial. Ele se refere a ela como "uma estrutura 'não dimensional' 'por trás' dos dados e fenômenos físicos e biológicos das diferentes estruturas, uma estrutura que é pré-mágica, pré-temporal e pré-consciente" (p. 388). Essa *pré-temporalidade original* (p. 356) da consciência de sono profundo arcaica é a estrutura a partir da qual uma conscientização gradual do tempo se esfolia através das três estruturas de consciência subsequentes – mágica, mítica e mental.

Atemporalidade Mágica

Gebser usa basicamente a expressão *atemporalidade mágica* (pp. 289, 358) ao se referir às noções de tempo nessa segunda estrutura de consciência. Ele ilustra esse sentido com a seguinte citação: "[Os] . . . fenômenos atemporais . . . surgem do entrelaçamento vegetativo de todas as coisas vivas e são realidades na esfera mágica sem ego de cada ser humano" (p. 49). Ele relaciona a estrutura mágica com a experiência auditiva do *tom*, observando que a atemporalidade pode ser integralmente redespertada por meio da música.

Temporidade Mítica

Em relação à consciência mítica, Gebser fala principalmente de "temporidade mítica" (p. 358) e de "tempo rítmico" (p. 176). Ele descreve uma transição gradual da remota atemporalidade mágica para um senso mais tangível de periodicidade, particularmente em relação aos ritmos sazonais da natureza. Ele novamente indica alguns dos importantes sítios culturais que foram discutidos no artigo principal, em relação à transição entre a consciência mágica e a consciência mítica.

5. Neste apêndice, todas as citações textuais de Gebser serão extraídas dessa fonte, salvo indicação em contrário.

Sempre que nos deparamos com rituais sazonais nos períodos mais avançados da estrutura mágica, particularmente em considerações astronômicas e em várias formas de calendário, como por exemplo entre os babilônios e mais tarde nas civilizações egípcia e mexicana, encontramos antecipações da estrutura mítica. (pág. 61)

Gebser também observa que na consciência mítica existe uma interação recíproca entre a internalização da memória, como lembrança, e a externalização da fala, particularmente por meio da poesia (p. 192). Isto é consistente com a caracterização de Steiner da passagem da memória localizada para a memória rítmica (ver a seguir).

Temporalidade Mental-Conceitual

De acordo com Gebser, o nascimento do tempo linear ocorreu com a tripartição do tempo de Parmênides (nascido c. 540 a.C.) em passado, presente e futuro (p. 178). Ele afirmou que o tempo mental-conceitual surgiu pela primeira vez na Grécia com noções de medição, quantidade e divisão do espaço. Ele considera o propósito do tempo linear como facilitador da mudança da consciência mítica para a consciência mental. "O tempo, isto é, nossa concepção mentalmente orientada do tempo, o divisor do movimento mítico e a partição do círculo, rompe sua bidimensionalidade e, assim, cria a possibilidade do espaço tridimensional" (p. 177). Gebser expressou preocupação com os problemas decorrentes das noções mentais deficientes⁶ de tempo, conforme ilustrado na *ansiedade e dependência do tempo* contemporâneas. Ele acreditava que isso surgiu da extensão excessiva da função divisória, que reduziu o *tempo* a uma função *espacial*.

A partição do tempo, que é em si um divisor, leva à atomização. . . .
Aqui gostaríamos apenas de observar mais uma vez que o fenômeno da "falta de tempo" é característico do nosso mundo material e espacialmente realçado: como é que alguém pode ter tempo se o rasga? (p. 180)

No entanto, ele também indica que essa concepção mecânica e previsível do tempo começou a mudar especialmente com a elaboração da teoria da relatividade especial de Einstein em 1905 (p. 341). Referindo-se à sua noção de *concreção do tempo*, Gebser observa:

6. Observe uma discussão mais aprofundada sobre o uso que Gebser faz dos termos eficiente e deficiente no artigo principal.

Onde quer que o tempo se transforme em "o presente", ele é capaz de tornar transparente "simultaneamente" a atemporalidade mágica, a temporidade mítica e a temporalidade mental. Já existem sinais dessa mutação incipiente que podem ser demonstrados. (p. 181)

Libertação do Tempo Integral-Atemporal

Libertação do tempo como quintessência do tempo. (p. 356)

Esta breve citação de Gebser resume a natureza inerentemente paradoxal de sua noção *integral-atemporal*. Ele usa diversas expressões diferentes para tentar comunicar o que ele vê como um aspecto central da emergente consciência integral-aperspectiva. É como se ele tentasse "descrever o elefante" de todos os lados para entrar na complexidade dos conceitos que representam sua noção. Os termos que ele usa principalmente são: "a-racional", "libertação do tempo", "tempo aberto", "achronon" (pp. 289, 358); "concreção do tempo", "concreção tempórica" (p. 26); "quarta dimensão" (p. 340).

Expandindo seu uso frequente de *concreção do tempo*, ele a associou a dois outros termos, *presencialidade* e *latência*, destilando como a nova consciência experiencia uma sensação simultânea de passado, presente e futuro.

Presencialidade é "mais" do que um vínculo com o passado; é também uma incorporação do futuro. (p. 271)

Latência – o que está oculto – é a presença demonstrável do futuro. (p. 299)

A matizada *concreção do tempo* de Gebser não representa um ponto final do desenvolvimento linear como o do projeto da modernidade, nem é infinitamente recursiva no espaço cíclico não direcional como no "mito do eterno retorno" de Eliade (Eliade, 1989/1954). A consciência integral, tal como entendida por Gebser, não coloca as construções mítica e moderna do tempo em oposição uma à outra, como as abordagens modernas e tradicionais tendem a fazer. Alternativamente, a concreção temporal de Gebser é uma intensificação da consciência que permite a reintegração de estruturas de consciência prévias – com seus diferentes sentidos de tempo – honrando todas elas. Abre-se a uma nova compreensão através da translucidez atemporal, em que *todos* os tempos estão presentes para a consciência intensificada *no mesmo momento totalmente consciente*.

Em Resumo

Gebser propôs que a compreensão intelectual de que o tempo era mais do que um mero relógio começou com a teoria da relatividade de Einstein. "O tempo irrompeu pela primeira vez em nossa consciência como uma realidade ou elemento do mundo com a formulação de Einstein do continuum espaço-tempo quadridimensional" (p.286). Gebser também observou as implicações disso para as noções filosóficas de tempo. Ele discutiu o deslocamento gradual de conceitos fixos de tempo linear, particularmente por meio das filosofias de Bergson, Heidegger, Husserl e Whitehead (pp. 402-410).

A3. Tempórica de Wilber em Relação à Evolução da Consciência

Cada modo de eu sucessivamente superior representa uma expansão e extensão da consciência e, portanto, cada modo de eu mais elevado consegue captar modos temporais cada vez mais estendidos . . . até que o tempo retorne à sua Fonte e desapareça como uma escada de transcendência necessária, mas intermediária. (Wilber, 1996c, p. 65)

Que indicações existem de que Wilber está ciente ou representa as nuances da complexidade da *concreção do tempo* de Gebser? A estrutura integral de Wilber contém claramente uma dimensão temporal, na medida em que ele conceitua modelos transpessoais abrangentes tanto para a evolução cultural (filogênese) quanto para o desenvolvimento individual (ontogênese). Entretanto, no esquema geral da sua escrita, discussões sobre o tempo não são enfatizadas – vários dos seus principais livros não indexam o termo *tempo* no índice remissivo (Wilber, 1998, 2000a, 2000b, 2001a). Sugiro que, para Wilber, o tempo pode ser visto como uma das muitas características no âmbito de um modelo global orientado espacialmente. Frequentemente considerado como um mapa ou estrutura por ninguém menos que o próprio Wilber, o modelo é dividido e particionado de maneiras multifacetadas. Isto pode indicar que ele opera principalmente num modo conceitualmente *espacial*, em vez de conceitualmente *temporal*. A importância disto em relação à abordagem de Gebser pode tornar-se mais clara à medida que a nossa análise avance. Vale a pena ressaltar que Gebser equipara a divisão e a partição do conhecimento – a parte *ratio* do racional – como marcando o início da fase deficiente do modo mental-racional (Gebser, 1949/1985, p. 93). Isto poderia sugerir que a estrutura de Wilber é um tipo de modelo meta ou hiperracional?

Quando Wilber se refere ao tempo, ele parece enfatizar um ou outro de dois extremos:

- Uma forte perspectiva linear – em que ele frequentemente usa a expressão "seta do tempo" (Wilber, 2000d, p. 19);
- Um presente espiritual atemporal – em que ele frequentemente usa a expressão "sempre já" (Wilber, 2001a, p. 50).

Essas duas noções serão agora discutidas brevemente numa tentativa de descobrir como Wilber concilia essa contradição.

Seta do Tempo – uma Forte Perspectiva Linear

No que entendo ser a documentação mais desenvolvida de Wilber (1996c) sobre sua perspectiva de tempo linear,⁷ sua terminologia aproxima-se da de Gebser, mas parece que seus significados podem diferir. Embora ele tome emprestado o termo *esfoliação* de Gebser, sua ênfase indica um modelo mais linear. Por exemplo, é discutível se o "pré-consciente" de Gebser equivale a uma atribuição de "ignorância" (ver ponto 1 abaixo). Wilber (1996) resume sua tempórica da seguinte forma:

Existem diferentes estruturas, ou diferentes tipos, de tempo que esfoliam do Atemporal. Em ordem ascendente, expansiva e evolutiva, correspondendo aos níveis da Grande Cadeia, temos:

- (1) A ignorância pré-temporal do pleroma-uroboros;
- (2) O simples presente passageiro do tifão;
- (3) O tempo cíclico e sazonal do mítico-associativo;
- (4) O tempo linear e histórico da era mental;
- (5-6) O tempo arquetípico, a-eônico ou transcendental da alma;
- (7-8) A eternidade perfeitamente atemporal do Espírito-Atman. (p. 65)

Os números entre parênteses referem-se aos estágios de desenvolvimento individuais de Wilber – também ligados a estágios temporais semelhantes – conforme estabelecido em *The Atman Project* (Wilber, 1996b, pp. 44-46).

Wilber (2000d) caracteriza sua noção de *seta do tempo* como a "direção irreversível através do tempo" postulada por teorizadores evolucionários desde

7. Essa é a segunda edição (1996) de *Up from Eden*. Embora ele tenha publicado vários livros desde então, não consegui identificar quaisquer desenvolvimentos adicionais nesse modelo.

Heráclito e Aristóteles, passando por Leibniz, Schelling e Hegel até Darwin. Nessas teorias, "a evolução prossegue irreversivelmente na direção do aumento da diferenciação/integração, do aumento da organização estrutural e do aumento da complexidade" (p. 19).⁸

Wilber (2000d) vincula isto à sua noção de *ascensão espiritual* com sua trajetória linear de baixo para cima.

Os darwinistas sempre podem ser vistos . . . como simplesmente fornecendo evidência empírica para um esquema já conhecido e aceito, a saber, a evolução como Deus-em-formação, Eros não simplesmente buscando o Espírito, mas expressando o Espírito o tempo todo por meio de uma série de ascensões cada vez mais altas" (pp. 537-538).

Embora essa proposição possa ter sido aceita muito bem por vários idealistas alemães, Teilhard de Chardin, Sri Aurobindo e outros, Wilber infere que a relação entre a evolução biológica e a ascensão espiritual⁹ é universalmente aceita. Pela minha pesquisa, isto está longe de ser o caso da teoria evolucionária convencional de hoje.

Sempre Já – um Presente Espiritual Atemporal

À primeira vista, as citações acima parecem sugerir uma ênfase abrangente, linear e desenvolvimental em sua abordagem para a compreensão do senso de tempo; no entanto, ele a segue, em outro lugar, com a afirmação: "até que o tempo retorne à sua Fonte e desapareça como uma escada de transcendência necessária, mas intermediária". (Wilber 1996c, p. 65) Isto parece estar ligado a um capítulo anterior desse livro, em que ele inclui um diagrama mostrando esses oito estágios de desenvolvimento – como ele os conceituou à época – sustentados no âmbito de um modelo circular, começando e terminando no "inconsciente essencial" (Wilber, 1996c, p. 12).

A Controvérsia Origem versus Arcaico

Há uma aparente contradição entre algumas das afirmações de Wilber que refletem a Presença Espiritual Atemporal – e.g., "já fomos conscientemente unos

8. Wilber (2000d) também observa que, da perspectiva da segunda lei da termodinâmica, em relação a alguns aspectos da fisiosfera, a seta do tempo pode ser vista como apontando para a direção contrária (pp. 18-19).

9. Esta afirmação específica também omite a referência à noção dialética de descensão espiritual, embora Wilber a reconheça em outro lugar (Wilber, 2000d). Ele não parece dar-lhe o tipo de equivalência à ascensão que é expressa, por exemplo, por Sri Aurobindo (2000) na sua noção de divinização da terra.

com o Divino propriamente dito" (Wilber, 2001a, p. 50) – e algumas de suas afirmações mais lineares, referindo-se à "ignorância pré-temporal do pleroma-uroboros" (Wilber, 1996c, p. 65). Não está claro se Wilber também vê um estágio consciente anterior ao uroboros. Essa é uma questão complexa que está além do escopo deste apêndice para ser abordada plenamente. Como leitura adicional, houve extensa discussão entre Feuerstein (1997) e Wilber em relação às convergências e divergências entre as visões de Wilber e Gebser sobre a natureza da estrutura arcaica da consciência relativamente à origem.

Níveis Integrais de Gebser versus Níveis Transpessoais de Wilber

Enquanto Gebser vê a concreção do tempo integral como o ponto onde a consciência se dobra sobre si mesma e integra o todo, Wilber (1996c) vê isso como inadequado para uma teoria do desenvolvimento espiritual, chegando ao ponto de fazer a seguinte importante crítica a Gebser:

O que faltou a Gebser e a Habermas foi uma dimensão genuinamente espiritual. Gebser tentou vigorosamente incluir o domínio espiritual em seu trabalho, mas logo se tornou óbvio que ele simplesmente não tinha consciência das – ou não compreendia profundamente as – tradições contemplativas, as únicas que penetram no âmago do Divino. Como eu disse, além do nível integral-aperspectivo de Gebser, existem, na verdade, vários estágios de desenvolvimento transpessoais ou espirituais, que Gebser, desajeitadamente, colapsa em seu estágio integral. (p. ix)

Minha pesquisa sobre Gebser demonstra que isso está longe de ser verdade. Pergunto-me se Wilber tinha de fato lido o trabalho seminal de Gebser, quando fez esse comentário em 1996, ou se deduziu essa opinião de uma fonte secundária. Seu raciocínio é que o estágio mais elevado de Gebser é o integral-aperspectivo – equivalente ao seu estágio centáurico-existencial, enquanto seu próprio modelo (naquela época) afirmava haver vários outros estágios mais elevados – "ocasiões psíquicas, sutis, causais e não duais" (p. ix). Minha interpretação da questão é, em primeiro lugar, que a situação é muito mais complexa do que o *ou/ou* que Wilber sugere entre seu modelo e o de Gebser, mas uma análise completa exigiria muito mais espaço. Gostaria, no entanto, de apresentar algumas das palavras reais de Gebser que me parecem indicar que o trabalho de Gebser tem de fato "uma dimensão genuinamente espiritual", em contraste com a afirmação de Wilber. Gebser afirma:

Um dia, uma nova possibilidade de consciência perceptiva do espiritual para toda a humanidade terá de brilhar. Anteriormente, o espiritual era realizável apenas, aproximadamente, na escuridão emocional do mágico, no

crepúsculo da imaginação do mítico e no brilho da abstração do mental. O modo de realização que agora se manifesta assegura que, de acordo com sua natureza particular, o espiritual não é dado apenas emocionalmente, imaginativamente, abstratamente ou conceitualmente. Também garante que, de acordo com a nossa nova capacidade, ele também seja concretamente perceptível à medida que começa a se fundir com a nossa consciência. . . . O brilho (diafaneidade ou transparência) é a forma de aparência (epifania) do espiritual. (p. 542)

O modelo transcendente vertical de Wilber, onde a plena unidade com o Divino aguarda a ascensão através de todos os estágios, parece ponderar toda a sua abordagem em torno de uma linearidade vertical. A abordagem de Gebser inclina-se mais para uma expressão de imanência espiritual do que a de Wilber, mas Gebser descreve claramente uma autêntica dimensão espiritual. O trabalho posterior de Wilber sobre Espiritualidade Integral tenta abordar questões de espiritualidade em todos os estágios de desenvolvimento por meio de sua Matriz Wilber-Combs (Wilber, 2006), mas abordar isso em detalhes iria além do nosso foco aqui sobre tempórica.

Em Resumo

Wilber tende a oscilar entre um modelo de desenvolvimento basicamente linear – embora um modelo que inclui estágios superiores além do modo mental formal – e a Atemporalidade espiritual do não dual. Às vezes, ele traz as duas vozes no mesmo texto, conforme indicado acima. No entanto, não está claro se Wilber vê a Atemporalidade como sincrônica à origem de Gebser. Parece provável que, para Wilber, ela seja um ponto final a ser alcançado, e não algo que possa ser experienciado como uma concreção de todas as temporalidades.

A4. Tempórica de Steiner em Relação à Evolução da Consciência

Do ventre do tempo nasce para nós, seres humanos, aquilo que está além do tempo. . . . Pois no que diz respeito à obra humana, a Eternidade é o nascimento daquilo que amadureceu no Tempo. (Steiner, 1940/1922)

Que indícios existem de que Steiner estava ciente das nuances da complexidade da *concreção do tempo* de Gebser? Há vários aspectos da obra de Steiner onde se pode olhar para responder a essa pergunta. Em primeiro lugar, pode-se notar que muitos dos livros e séries de palestras de Steiner estão

relacionados com noções de tempo, história, mitologia ou relações entre tempo e consciência (Steiner, 1950, 1959/1904, 1966b/1926, 1971a, 1971b, 1971c, 1971d, 1982c). Esta não é de forma alguma uma lista completa, mas sim uma seleção representativa. Também não se pretende sugerir que ele enfatizou excessivamente o tempo ou não problematizou os termos *tempo* ou *história* – o tempo é apenas um dos temas que ele pesquisou em profundidade. Uma característica única da abordagem de Steiner é que ele não isola o tempo de outros fatores. A sua escrita sobre o tempo é muito complexa¹⁰ e, em si mesma, na minha opinião, integral-aperspectiva, na medida em que apresenta conscientemente pontos de vista a partir de uma série de perspectivas. Os temas que ele discutiu em relação ao tempo incluem memória humana, história, ciclos astrogeológicos e recapitulação progressiva. Tudo isso está complexamente entrelaçado em seus escritos.¹¹

Tempo e Memória

Como Gebser, Steiner indicou a relação entre a memória humana e a evolução gradual do senso de tempo. Steiner (1950) descreveu o desenvolvimento da memória em três estágios que ele chamou de *memória localizada*, *rítmica* e *temporal*. Steiner (1959/1904) também se referiu em outro escrito à *memória cósmica*.

Memória Localizada

Steiner (1950) afirmou que em tempos muito antigos – que pelo contexto de seu texto parecem ser do Paleolítico Superior – a memória ainda não estava

10. Estou ciente de que minha seção sobre a temporária de Steiner é consideravelmente mais longa do que as outras duas; no entanto, seu trabalho sobre o tempo é indiscutivelmente muito mais extenso, incluindo áreas adicionais, como *precessão dos equinócios*, que não foram tocadas pelas outras narrativas.

11. Vários desafios metodológicos surgem ao pesquisar os pontos de vista de Steiner sobre qualquer tema. Os mais óbvios são: problemas de tradução do alemão para o inglês; e o fato de muitas de suas obras terem sido transcritas de palestras, não revisadas por ele antes de morrer. Um desafio adicional e mais sutil é que o complexo entrelaçamento de sua obra significa que pontos de vista importantes estão muitas vezes espalhados ao longo da sua escrita, mesmo em títulos aparentemente não relevantes. Isto é agravado pelo fato de que, embora alguns dos seus trabalhos publicados incluam um índice detalhado, a maioria dos volumes não é indexada. Consequentemente, pode ser bem trabalhoso encontrar material textual relevante. Em contraste, os escritos publicados de Wilber incluem *índices analíticos* e *índices remissivos*, são geralmente organizados de modo mais temático, de acordo com a forma acadêmica padrão dos nossos tempos e, portanto, bastante fáceis de consultar. Os escritos de Gebser publicados em inglês, embora complexamente entrelaçados como os de Steiner, incluem um *índice analítico* bem detalhado e um meticoloso *índice remissivo*.

internalizada na psique humana, mas estava conectada com o lugar, com a Terra, exigindo signos e estímulos como "tábuas memoriais e pedras memoriais" (p. 16). Isto parece estar ligado à consciência mágica de Gebser.

Memória Rítmica

Em seguida, durante a transição do mágico para o mítico – relacionada ao seu *período cultural indiano* – Steiner (1950) afirmou que a memória começou a ser internalizada e aprendemos a lembrar pelo ritmo e pela repetição, em que "a arte ancestral completa do verso foi desenvolvida" (p. 17). Ele se referiu à Ásia antiga como um local central . . . citando o *Bhagavad-Gita* e os *Vedas* como exemplos codificados posteriores dessa memória rítmica (p. 18).¹² Aprender *de cor* é um vestígio desse tipo de memória e Steiner menciona a importância dele na educação das crianças.

Memória Temporal

Steiner (1950) caracterizou a memória temporal, que "hoje assumimos como dada" (p. 17), como tendo início no período cultural greco-romano que surgiu por volta de 800 a.C. com a Grécia clássica da história formal. É claro que isto coincide com a emergência da consciência intelectual-mental-racional, como vimos no artigo principal. Wilber (1996c), baseando-se em Whyte e Bergson, também se refere ao surgimento da memória – aparentemente referindo-se ao que Steiner chama de "memória temporal" – em associação com a consciência mental-egoica (p. 206).

Memória Cósmica

Steiner (1959/1904) também propôs que através do desenvolvimento espiritual *consciente* podemos ir além do senso temporal comum e cotidiano e acessarmos nossa *memória cósmica* – o passado coletivo profundo – e, em alguns casos, o futuro. Ele se referiu ao campo onde essas informações são armazenadas como *Crônica do Akasha* ou *Registro Akáshico* (p. 39). László – de uma perspectiva científica – também propôs recentemente o termo *Campo Akáshico*, ou *Campo de Informação*, para o campo que armazena a memória cósmica (László, 2007). A noção de "atemporalidade" ou lembrança do futuro de Gebser (1985/1949) é semelhante – ele cita a linha poética de Rilke: "desejos são lembranças vindas do futuro" (p. 504). Esse senso-de-tempo-futuro está no cerne da literatura contemporânea dos estudos de futuros (Slaughter, 1999).

12. O desenvolvimento do ritmo também foi potencializado pelo surgimento e cultivo da música (ver Apêndice C para mais informações sobre esse tema).

Tempo e História

Steiner (1973a/1924) também manteve uma perspectiva meta-histórica muito ampla que caracterizou como tendo três estágios: *história cósmica ou celestial*, *história mítica ou mitológica* e *história terrena*.¹³ Ele também se refere em outro lugar à *história não transitória* (Steiner, 1959/1904, p. 39) que, estando além do tempo linear, pode se assemelhar à "liberação temporal" de Gebser. Eu as ilustrarei basicamente com breves citações de textos do próprio Steiner, para reter o sabor matizado de suas conceituações.

História Cósmica/Celestial

"Os povos originários ainda tinham essa 'História Celestial' em suas consciências e estavam de fato muito mais conscientes dela do que da História Terrena. . . . O homem daquela época, quando passou a falar de "origens", não relatou acontecimentos terrenos, mas cósmicos" (Steiner, 1973a/1924, p. 143). Isto parece relacionar-se com a atemporalidade mágica de Gebser.

História Mítica

"Ela . . . foi seguida pela História Mítica . . . [que] combina eventos celestiais com terrenos. 'Heróis', por exemplo, . . . entram em cena" (p. 144). Isto está claramente ligado à estrutura mítica de Gebser. Steiner (1973a/1924) considerou esses heróis como seres altamente evoluídos que operavam por meio dos iniciados e líderes da época em vários lugares. As duas linhas paralelas da evolução de Wilber (1996c) – a evolução do *modo médio* de consciência e a evolução do *modo mais avançado* de consciência – concordam com isso (p. 339).

História Terrena

As origens da história formal¹⁴, como a conhecemos, estão presentes "desde o desdobrar da Mente-Alma ou Intelectual [na Grécia antiga]. No entanto,

13. Seria interessante explorar como os três estágios da história de Steiner podem se relacionar com as três formas de história de Nietzsche: *antiquária*, *crítica* e *monumental*, em que, nesta última, "*insights* exemplares do passado avançam, revelando sua validade e nos guiando hoje". (Schwartz, 2005, pp. 137-138). Ou, então, como as noções de Steiner e Nietzsche podem se relacionar com os conceitos de Kristeva de tempo cíclico e rítmico e de "temporalidade monumental . . . abrangente e infinita como o espaço imaginário" (Kristeva, 1986, p. 191); ou com as noções de tempo unidimensional, bidimensional e tridimensional de Starr e Torbert (2005). Ver também Kelly (1993). Esses são tópicos interessantes para futuras pesquisas.

14. Os primeiros historiadores cronológicos oficiais foram Heródoto (484 – c. 425 a.C.) e Tucídides (460 – c. 400 a.C.), este último adotando um método histórico sistemático que enfatizava a cronologia e as ações humanas. O método histórico sistemático também começou

durante muito tempo [as pessoas] continuaram a 'pensar' no sentido do que havia sido antes [isto é, miticamente]" (Steiner, 1973a/1924, p. 145-146). Isto reflete a concepção de tempo mental de Gebser. Wilber (1996c) afirmou que a história começou algumas centenas de anos antes, c. 1.300 a.C., com os governantes assírios (p. 213).

História Não Transitória

Steiner (1959/1909) propôs que a libertação das limitações do tempo linear poderia ser desenvolvida através da nova consciência desde o início do século XV e cada vez mais nos nossos tempos. Ele também apontou para um novo período de *autorreflexão* onde estaríamos conscientes de nossas ações na história linear e também capazes de *prestar atenção* à nossa própria historicidade. Essa percepção parece prenunciar a atenção contemporânea à historicidade, decorrente da filosofia e da hermenêutica pós-modernas. Gebser também falou em livrar a história de "sua mera temporalidade e natureza sequencial" (p. 192).

Recapitulação Progressiva de Steiner como Recursividade Complexa

Os muitos aspectos de RE envolvem simultaneamente: uma reativação do passado ancestral, uma produção e reprodução da existência presente e arranjos para o futuro. RE inclui sempre um retorno ao passado que o ressuscita no presente. Por esse movimento, RE catapulta o passado para o futuro. (Morin, 2005a, p. 261)

A noção de RE de Morin – representando recursividade complexa – parece alinhar-se com a concreção do tempo de Gebser e com a teoria da recapitulação progressiva¹⁵ de Steiner. Steiner (1939/1910) afirma que, em cada novo estágio de evolução, há uma "recapitulação" do estágio prévio de uma forma que "é algo como uma repetição da . . . evolução [que] ocorre num nível superior" (p. 155). Ele considera que esse processo opera em todos os níveis da existência, incluindo os estágios anteriores da existência cósmica da Terra (cosmogonia), evolução sociocultural (filogenia) e desenvolvimento individual (ontogenia). Morin (2005a) aprofunda essa perspectiva. "*A Inovação está inscrita no Retorno que ela Transforma. . . . A evolução é, ao mesmo tempo, uma ruptura com a repetição, através do surgimento do novo, e a reconstituição da repetição através da integração do novo*" (p. 264). László (2006) observa um processo semelhante na

na China com Sima Qian (145-90 a.C.), da Dinastia Han, indicativo de conceituações de tempo do modo mental também lá. <http://en.wikipedia.org/wiki/History>

15. Estou cunhando a expressão *recapitulação progressiva* como um descritor da perspectiva evolucionária de Steiner. Não é o seu termo real.

evolução das sociedades. "A evolução não linear, mas, no seu conjunto, progressiva das sociedades é impulsionada por inovações que perturbam e finalmente desestabilizam sistemas anteriormente estáveis" (p. 105). Ver também a noção de repetição e diferença de Deleuze (1994).

Uma forma de investigar a recursividade complexa da evolução é explorar as relações entre os ciclos astronômicos e os ciclos antro-po-sócio-culturais.¹⁶ Embora tanto a ciência hermética antiga quanto a astronomia moderna tenham investigado tais relações, a influência potencial dos ciclos cósmicos/astronômicos na *esfera antro-po-social*¹⁷ tem sido largamente ignorada pelos cientistas sociais modernos e pós-modernos, apesar de ter sido postulada já na Grécia antiga. Exploraremos agora brevemente o estado da pesquisa nessa área.

Precessões Solares e os Ciclos de Tempo Profundo do Mundo

A orientação do eixo de rotação da Terra em relação às estrelas e aglomerados de estrelas não é fixa, mas varia lentamente, ao longo do tempo, devido à influência gravitacional do Sol e da Lua sobre a dilatação do equador da Terra. Se estendermos o eixo da Terra até à esfera imaginária das estrelas fixas, o ponto de intersecção descreve um círculo aproximadamente a cada 26.000 anos. (Bocchi & Ceruti, 2002, p. 4)

Até onde pude constatar, Steiner foi o primeiro estudioso pós-iluminista a pesquisar e documentar substancialmente a relação entre os ciclos astronômicos, como a precessão dos equinócios e a evolução antro-po-sócio-cultural. Acredita-se que a noção da *precessão dos equinócios* fosse conhecida pelas civilizações da Mesopotâmia e do vale do Nilo já em 3.000 a.C., mas apenas recentemente foi formalizada pela astronomia moderna. O ciclo total de precessão leva um período de aproximadamente 25.700 anos – o chamado grande ano platônico – durante o qual o equinócio traça um círculo completo de 360°. Embora os paleoclimatologistas tenham começado a reconhecer a contribuição desse

16. Baseando-se numa combinação das suas teorias de recapitulação e precessão dos equinócios, Steiner propôs uma teoria do desenvolvimento cultural em forma de U, sendo o período greco-romano o ponto pivotante crucial (Steiner, 1939/1910). Ele sugeriu que a atual cultura e consciência emergente recapitulará algumas qualidades das culturas do quarto período, por exemplo, a do Antigo Egito, não como uma regressão, mas recorrendo a uma ressonância mais elevada e mais consciente. Isto poderia muito bem ser interpretado como um exemplo da *concreção do tempo* de Gebser.

17. Esse é um dos termos compostos de Morin, pelo qual ele é famoso. "É interessante ressaltar na perspectiva *ecológica* de Morin a importância do 'hífen', que estabelece as ligações, as conexões, que unem novamente as palavras" (De Siena, 2005, p. 423).

processo para os ciclos de alterações climáticas, tais como as eras glaciais,¹⁸ há pouca menção a ele no discurso sobre a evolução da consciência. Embora Steiner tenha apontado para essas ligações há um século, nem Gebser nem Wilber indicaram qualquer possível influência macrocósmica nos ciclos de mudança da cultura e consciência humanas. Mais recentemente, um humilde ressurgimento de interesse está nascendo nessa área pouco pesquisada de importância humana por parte de filósofos (Bocchi & Ceruti, 2002; McDermott, 1984; Tarnas, 2006; Ulansey, 1994) e psicólogos evolucionários (Sedikedes, Skowronski & Dunbar, 2006). O filósofo da ciência Gianluca Bocchi e o epistemólogo genético Mauro Ceruti, utilizando uma abordagem narrativa transdisciplinar, baseiam-se na noção da precessão dos equinócios para iluminar os mitos de muitas culturas que se referem a uma Idade de Ouro prévia¹⁹ (Bocchi & Ceruti, 2002).

Steiner fez uma contribuição ímpar para a evolução do discurso da consciência nessa área. Ele explorou com algum detalhe, em vários livros e palestras, os períodos de 2.160 anos da precessão do sol e a relação disto com a evolução da cultura e da consciência. De acordo com Steiner (1971a), em seu primeiro período cultural pós-glacial – o indiano antigo – o sol no equinócio vernal estava se movendo para a constelação associada a Câncer (p. 52). Ele afirmou que o sol continuou a mover-se a cada 2.160 anos, passando por Gêmeos no período persa, Touro no período egípcio-babilônico, Áries no período greco-romano (Steiner, 1971b), e assim por diante. O historiador da religião, David Ulansey,

18. A precessão dos equinócios é um dos vários ciclos astronômicos que, se acredita, influenciaram o ciclo de 100.000 anos das eras glaciais (correspondendo, aproximadamente, a quatro anos platônicos completos de 25-26.000 anos). "Existem três variáveis astronômicas usadas na paleoclimatologia: a obliquidade, a excentricidade multiplicada pelo seno da longitude do periélio, medida a partir do equinócio vernal, [ou seja, a precessão dos equinócios] e a própria excentricidade." (Varadi, Runnegar & Ghil, 2003) Esses três ciclos são chamados de ciclos de Milankovitch.

19. Bocchi e Ceruti (2002) explicam como a natureza particular desse evento astronômico entre 4.000 e 3.000 a.C. foi tão dramática a ponto de marcar o fim da Idade de Ouro em mitos humanos.

Para os povos que viveram em 4.000 [a.C.], a Via Láctea traçava o caminho do Sol, uma indicação visível do trânsito anual do Sol acima do equador celestial. Essa configuração era muito simétrica. O caminho para os céus era aberto aos seres humanos se eles cruzassem os dois poderosos portais de Gêmeos e Sagitário. . .

A precessão dos equinócios quebrou essa simetria. Os portais celestiais desabaram. O Sol foi exilado para estranhas . . . regiões, uma parte da Via Láctea afundou no abismo abaixo do equador celestial. . . . Esse foi o fim da Idade de Ouro. (pp. 5-6)

Eles explicam como esse evento astronômico esteve na base da crença sustentada até recentemente, no século XVII, por filósofos, teólogos e até cientistas, de que o mundo foi criado aproximadamente há 4.000 a.C. Alguns criacionistas ainda acreditam nisto até hoje (p. 3).

empreendeu e publicou pesquisa substancial sobre a noção da precessão dos equinócios em relação à antiga Religião Mitraica romana e seus mitologemas astrológicos relacionados a metáforas taurinas (Ulansey, 1991, 1994). Tal pesquisa, se expandida a outros períodos culturais, poderia ser muito frutífera. O filósofo Richard Tarnas publicou recentemente os resultados de décadas de investigação sobre a influência de eventos astronômicos na cultura e na consciência humana (Tarnas, 2006). Seu trabalho, no entanto, diz respeito principalmente a ciclos planetários mais curtos e não aos grandes macrociclos aqui referidos.

Em Resumo

A escrita de Steiner demonstra uma dialética complexa entre desenvolvimento progressivo e recursão cíclica. Tal como a escrita de Gebser, ela aponta para um novo estágio de consciência capaz de iniciar a integração de todos os aspectos da natureza humana. E, tal como a escrita de Wilber, ela também prenuncia o potencial de estágios futuros.

A5. Noções de *Tempo Pré-Temporal, Temporal e Transtemporal*

Conforme demonstrado, Steiner, Gebser e Wilber identificam mais de três estágios no desenvolvimento da concepção humana de tempo, e todos concordam que a noção de tempo histórico linear cossurgiu com a emergência da consciência mental-egoica, aproximadamente no primeiro milênio a.C. Cada um deles faz distinções importantes entre o tempo linear e nossas noções de tempo anteriores a ele. Cada um deles identifica emergentes noções pós-formais e integrais de tempo. No entanto, eles diferem em suas conceituações e na linguagem dessas questões.

A *Falácia Pré/Trans* de Wilber como uma Expressão de Ascensão Linear

Fazendo uso de uma de suas icônicas expressões, a *falácia pré/trans*, Wilber distingue entre o que ele chama de falta de senso de tempo *pré-temporal* ou *atemporal*²⁰ da consciência arcaico-urobórica – que ele identifica com o *Id* de Freud em termos de desenvolvimento – e o presente *transtemporal* ou *eterno*. Wilber (1996b) associa o primeiro à ignorância temporal, em que "não há tempo porque ela é muito primitiva – muito *estúpida* – para compreender tais noções" (p. 90) (grifo nosso). Ele associa o *transtemporal* – usando a metáfora do quinto

20. A propósito, Gebser faz uma distinção clara entre esses dois termos usando *pré-temporal* para arcaico e *atemporal* para a *concreção de tempo* integral.

andar de um edifício – aos níveis mais elevados de desenvolvimento dos domínios transpessoais, que ele afirma acessarem a "união mística" ou a "Essência do Ser primordial" (Wilber, 1996b, p. 90). Nesse exemplo, a linearidade ascendente do modelo de Wilber mostra-se em primeiro plano, com os seus julgamentos de valor negativos em relação aos níveis anteriores/inferiores. No entanto, embora ele afirme *categoricamente* que há uma diferença entre pré-temporalidade e transtemporalidade – assim como faz com pré-racionalidade e transracionalidade – a escrita de Wilber, na verdade, não apresenta a diferença fenomenologicamente. Minha sensação é que ele usa sua intuição aqui. Ele *sabe* que há uma diferença, mas ela não é discernível em suas palavras. Tanto a *intensificação da consciência* de Gebser quanto a *elevação da consciência* de Steiner parecem estar alinhadas com a noção de Wilber sobre o *transtemporal* como distinto do *pré-temporal*.

A Libertação do Tempo de Gebser por meio da *Intensificação da Consciência*

Quando Gebser (1985/1949) caracterizou a sua noção integral de atemporalidade – como distinta da pré-temporalidade – ele observou vários aspectos significativos. Ele colocou em primeiro plano a noção de *libertação do tempo* e identificou as três características a seguir como expressões dela.

- *Intensificação* da consciência. "A libertação de tempo é a forma *consciente* da pré-temporalidade original arcaica" (p. 356);

- *Concreção* das três mutações temporais anteriores. "Ao conceder à atemporalidade mágica, à temporidade mítica e à temporalidade mental-conceitual sua eficiência integral, e ao vivê-las de acordo com a intensidade de seu grau de consciência, somos capazes de alcançar essa realização: . . . a quintessência consciente de todas as formas temporais anteriores" (p. 356);

- A *quarta* dimensão. "A libertação do tempo é a quarta dimensão porque ela constitui e desbloqueia a quadridimensionalidade. . . . Sua forma consciente. . . é uma *dimensão integrativa*, ou, mais exatamente, é a *a-mensão* e não apenas uma dimensão espacial expansiva ou destrutiva, . . . 'a-categórica', . . . 'a-consciente' e transparente" (p. 356).

Quando Gebser fala do que precisa ser concretizado em sua concreção do tempo, ele se refere à concreção – ou conscientização simultânea – das estruturas de consciência mágica, mítica e mental. Nas suas formas mais condensadas, Gebser (1985/1949) refere-se a elas como "nossa vitalidade, psiquicidade e mentalidade" (p. 300).

A Filosofia da Libertação de Steiner por meio da Elevação da Consciência

Steiner identificou vários fatores relacionados à consciência emergente, vinculando-os ao desenvolvimento da libertação humana e à integração de diversas faculdades. Embora Steiner (1973c/1914) não utilize a expressão *liberto do tempo*, ele parece usar as expressões consciência *liberta dos sentidos* ou consciência *liberta do corpo* de uma forma semelhante, ligando-as a noções de consciência elevada. Os três pontos a seguir apresentam semelhanças com as noções de Gebser.

- Consciência *liberta dos sentidos*. "Não deve ser confundida com aquelas condições mentais aprimoradas que não são adquiridas por meio de exercícios caracterizados, mas resultam de estados de consciência menos elevados, como clarividência pouco clara, hipnotismo, etc. . . . Esse trabalho interior consiste numa elevação, e não numa diminuição, da consciência comum" (pp. 466-467).

- *Elevação da consciência*. Ele vincula essa consciência elevada a estar além de noções de temporalidade ou mesmo de eternidade.

- *Condensação de sentimentos*. Em terceiro lugar, ele refere-se a um processo de condensação de sentimentos, semelhante à *concreção do tempo* de Gebser.

Expandindo esse último ponto, Steiner (1973c/1914) comentou:

Pela prática contínua da alma, isto é, mantendo a atenção na atividade interior de pensar, sentir e querer, é possível que essas "experiências" se tornem "condensadas". Nesse estado de "condensação", elas revelam sua natureza interior, que não pode ser percebida pela consciência comum. (p. 453)

A partir do meu estudo hermenêutico de suas obras, interpreto que o texto de Gebser (1985/1949), referindo-se à concreção de "nossa vitalidade, psiquicidade e mentalidade" (p. 300), ecoa a noção de Steiner de "condensação de pensamento, sentimento e vontade". Proponho que a *mentalidade* de Gebser (modo mental) se relaciona com o *pensamento* de Steiner (alma intelectual), a *psiquicidade* de Gebser (mítico) se relaciona com o *sentimento* de Steiner (alma senciente) e a *vitalidade* de Gebser (mágico) se relaciona com a *vontade* de Steiner (também relacionada com forças mágicas da natureza). Portanto, há um alinhamento próximo entre alguns de seus conceitos-chave.

A6. Concreção de Gebser, Paradoxo de Wilber e Recapitulação Progressiva de Steiner

Concreção do Tempo de Gebser

Gebser concentrou-se poderosamente, de muitas maneiras, em sua noção de concreção do tempo. Embora ela seja alcançada por meio de um processo linear, tem um caráter cíclico em si mesma. Tentei esclarecê-la apresentando seu trabalho de vários ângulos, pois cabe a nós aceitar uma noção que ele tanto se esforçou para comunicar.

Paradoxo de Wilber

O paradoxo subjacente à tempórica de Wilber está relacionado com a relação pouco clara entre 1) seu modelo transcendente vertical de várias etapas, em que a plena unidade com o Divino aguarda a ascensão através de todos os estágios; e 2) a oscilação polar real entre seu modelo vertical e seu Modelo Eternidade-Espírito, no qual ele (2000a) se refere a "aquilo que é na verdade sua própria Face Original" (p. 141). Talvez mais pesquisas possam determinar se existe uma razão para os diferentes contextos em que um ou outro modelo é usado. No geral, seu trabalho parece tender mais fortemente em direção à linearidade vertical.

Recapitulação Progressiva de Steiner

Além de suas perspectivas aparentemente lineares do tempo em relação à memória e à história, Steiner (1973c/1914) também falou em outros contextos sobre a relação dialética entre *temporalidade* e noções de *infinito*, *eternidade* ou *duração*. Ele também enfatizou o aspecto metacíclico e recapitulativo.

Em suma, as três abordagens envolvem vários graus de complexidade em relação ao tempo, incluindo aspectos tanto de progresso linear quanto de retorno cíclico. Entretanto, Gebser problematiza conscientemente questões de progresso, favorecendo ligeiramente o modelo de retorno cíclico com ênfase na origem e imanência espiritual; Wilber aspira a uma abordagem não dual, mas parece favorecer tacitamente o modelo linear, com ênfase na ascensão espiritual e na transcendência; a abordagem de Steiner parece integrar de forma abrangente tanto a recapitulação metacíclica quanto a progressão, sugerindo sua natureza complexa, progressiva e recursiva.

A7. Conclusão

Esta análise temporal estendida demonstrou que a perspectiva padrão modernista de tempo linear pode ser historicamente contextualizada como surgindo na Grécia antiga no primeiro milênio a.C., em paralelo com o despertar da estrutura de consciência intelectual-mental-racional, mais notavelmente identificada com as origens da filosofia ocidental. Gebser propôs que essa noção padrão de tempo linear – bem como todas as percepções de tempo anteriores – poderia ser integrada na consciência integral-aperspectiva. A visão integral-atemporal transcende e inclui as três perspectivas de tempo prévias: atemporalidade mágica, ciclicidade mítica e linearidade mental.²¹ Sua visão é sustentada pelas visões evolucionárias de Steiner e Wilber sobre o tempo, embora de formas distintas. É nesta visão complexa e integral do tempo que se situa minha narrativa da evolução da consciência.

Há muitas implicações teóricas decorrentes dessas perspectivas que poderiam dar uma contribuição substancial ao estado atual da teorização sobre o tempo. Contudo, uma pesquisa tão extensa está além do escopo deste apêndice.

21. Como não há senso de tempo no Arcaico, ele não pode ser incluído.